



[Resenhas]

A questão negra como questão social: uma leitura crítica de Du Bois

DU BOIS, William Edward Burghardt. O Negro da Filadélfia: um estudo social. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 488 p.

Mariane Joyce Ferreira Saraiva¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: mariane.joyce08@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3822-8369>.

Resenha recebida em 21/10/2025 e aceita em 21/12/2025.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



1.Introdução

“O Negro da Filadélfia: Um estudo social” (2023), de W.E.B. Du Bois, é mais do que um clássico pioneiro da sociologia empírica. Ele constitui um trabalho inaugural de enfrentamento intelectual contra narrativas racializadas que naturalizavam a marginalização negra nos Estados Unidos. Publicada originalmente em 1899 e agora traduzida para o português em 2023, a obra reaparece em um momento no qual se busca incluir vozes e tradições intelectuais negras na formação acadêmica e científica no Brasil. Esta resenha, portanto, não se limita a sintetizar a estrutura do livro, mas busca problematizar suas tensões internas, suas contribuições metodológicas e seus possíveis ecos no contexto brasileiro. A recepção e o reconhecimento do autor estão se dando de forma tardia no Brasil, havendo um movimento de tradução recente e, sobretudo, em decorrência da ampliação epistêmica no ensino e na pesquisa nas universidades brasileiras (Moura; Costa, 2023).

Du Bois, então com 28 anos, realizava seu primeiro grande estudo sociológico, recém-retornado da Alemanha e já com o título de doutor em Harvard. Sua condição de “jovem sociólogo” é relevante: a obra antecipa a radicalidade posterior de um Du Bois politicamente engajado, mas revela marcas de um cientista preocupado em dialogar com parâmetros positivistas de rigor. Encomendado pela Universidade da Pensilvânia para “diagnosticar o problema negro” na Sétima Região da Filadélfia, o estudo tinha um viés político claro: confirmar a ideia de que a marginalização da população negra era consequência de sua suposta inferioridade. A grande força da obra está em intervir nessa expectativa, demonstrando que não se tratava de uma essência racial, mas de uma estrutura social historicamente organizada pela linha de cor.

O livro mobiliza uma impressionante base empírica composta por dados censitários, registros jornalísticos, estatísticas de saúde, relatos de campo e entrevistas, articulada a uma narrativa histórica que vai de 1638 a 1896. Essa metodologia híbrida, que combina levantamento quantitativo e descrição etnográfica, inaugura um estilo de pesquisa sociológica e aproxima o texto de tradições posteriores da antropologia urbana. A comparação com Charles Booth e Jane Addams¹ é evidente, mas Du Bois, ao se colocar no

¹ O autor se inspirou em alguns trabalhos, sobretudo censitários, de pesquisadores como Charles Booth, com seu trabalho *“Life and Labour of the People of London”* (1889, 1891), e Jane Addams, com seu trabalho *“Hull-House Maps and Papers”* (1895).



campo e observar diretamente a vida cotidiana, cria algo distinto, um método relacional que conecta espaço, classe e raça.

Essa obra, ao ser lida hoje em português, ganha uma dupla camada de significado. Primeiro, pelo pioneirismo metodológico de Du Bois em um campo ainda marcado pelo evolucionismo e pela biologização das diferenças raciais. Segundo, porque sua tradução em 2023 se insere em um movimento político-acadêmico de afirmação de epistemologias negras no Brasil, revelando-se tanto o atraso da recepção do pensador em nosso país quanto a necessidade de reconfigurar os cânones da sociologia a partir de um horizonte decolonial. Essa dimensão da “recepção tardia” é crucial para pensar o lugar da obra como um instrumento vivo para a crítica contemporânea.

A partir do rigor metodológico e argumentativo, o sociólogo conseguiu demonstrar em seu estudo que o “problema negro” na verdade se tratava dos “problemas dos negros”, ou seja, “os negros eram produto de sua história e condições estruturais e ideológicas” (Paschel, 2023, p. 10). Para Tianna S. Paschel (2023), além das mais diversas contribuições que Du Bois oferece com esse trabalho no âmbito de diversas temáticas, o autor também realiza uma contribuição metodológica precursora na sociologia, ao desenvolver uma análise tanto espacial quanto relacional de poder e desigualdade. Na obra em tela, Du Bois desenvolve uma análise pensando na relação entre raça e classe com o objetivo de desconstruir o pensamento reducionista nessa relação, em que os negros estão associados à pobreza. Além disso, Paschel (2023) acrescenta que, a partir desse estudo, o autor consegue explicitar a presença do racismo e os seus impactos em um lugar em que esse preconceito de raça pairava apenas no plano ideológico e se materializava a partir de meios extraleais. Portanto, ao se pensar na realidade brasileira do mito da democracia racial, é perceptível a relevância do estudo.

Du Bois (2023) conclui que o maior problema das condições precarizadas da população negra naquela região advinha da separação irracional da linha de cor. A partir do racismo, a população negra era limitada em relação a qualquer tipo de oportunidade que promovesse a ascensão social. As conclusões dele vão ao encontro do próprio objetivo da Universidade da Pensilvânia quando encomendou o trabalho. O sociólogo, portanto, foi pioneiro em tratar a questão do negro como questão sociológica em contraposição ao movimento de biologização para explicar o “problema negro”.



O autor entende que os negros na Filadélfia se tornaram uma classe a partir dos problemas sociais em comum por eles enfrentados (Du Bois, 2023). Nesse contexto, ele revela que o estudo desse grupo de pessoas precisa ser realizado considerando que existem subdivisões a partir do fator econômico. Levando em conta, assim, as diferenças nos problemas enfrentados por negros mais abastados e negros em situação de vulnerabilidade socioeconômica, mas sem perder de vista o entendimento de que as pessoas negras enfrentavam problemas em comum, próprios à sua “raça” e diferentes dos problemas vivenciados pelas pessoas brancas.

O autor destina dois capítulos iniciais a discorrer sobre o contexto histórico da população negra na Filadélfia, entre os períodos de 1638-1820 e 1820-1896, por entender que a pobreza, a criminalidade e a mendicância que assolavam essa população resultavam de processos históricos. Nesses dois capítulos, faz-se um trabalho de pesquisa bibliográfica que detalha de forma minuciosa diversos fatos históricos, notícias jornalísticas do período, leis, dados censitários da população, territórios e práticas de criminalidade. A partir desse conjunto de informações, é possível obter um quadro da população negra, da escravidão, da criminalização e da economia daqueles períodos históricos. É notável como Du Bois traça o perfil socioeconômico da população negra na década de 1840, a partir de informações sobre a inserção no mercado de trabalho e em quais serviços a maioria da população estava inserida. Os resultados são relevantes ao identificar que tipo de trabalho estava destinado a essa população, sobretudo trabalhos precarizados². Outro destaque desses capítulos é o estudo do autor sobre a participação dos negros na Guerra Civil Americana (1861-1865), período a partir do qual a população negra passou a alcançar, paulatinamente, direitos mínimos e cidadania na Filadélfia. Porém, o autor defende que o desenvolvimento social e moral não foi suficiente, além de defender a necessidade de empreender um estudo que pudesse entender o contexto social e moral da população na década de 1890. O sociólogo menciona outras tentativas de investigação da população negra que foram realizadas antes, as quais ele chama de “inquéritos”, como também menciona os dados censitários dos EUA e as matérias de jornais que abordavam o assunto. Ele reconhece a relevância desses trabalhos e dados, mas aponta os limites, sobretudo metodológicos.

² Em sua pesquisa, Du Bois identificou que as principais ocupações da população negra da Filadélfia davam-se em trabalhos domésticos e braçais, como os de cocheiros e barbeiros.



Infelizmente, porém, as investigações dos Amigos não estão totalmente isentas de uma suspeita de parcialidade em favor do Negro, os relatórios do censo são muito gerais, e os artigos de jornal, necessariamente apressados e imprecisos. Este estudo busca selecionar criteriosamente de todas essas fontes e outras, e adicionar a elas dados especificamente coletados para os anos de 1896 e 1897 (Du Bois, 2023, p. 69).

Nessa obra, encontra-se um esforço de caracterização da população negra da Filadélfia e da Sétima Região, sobretudo a partir de diversos dados estatísticos. Mas o que poderia parecer um simples exercício estatístico revela, na verdade, uma inovação metodológica significativa. Ao analisar o crescimento demográfico entre 1790 e 1890, ao relacionar variações populacionais e fatores sociais, industriais, bélicos e migratórios, Du Bois (2023) demonstra que os números não são neutros: os dados censitários se tornam evidências de processos estruturais, e não de essências raciais. O uso de infográficos, com a sobreposição de variáveis históricas e econômicas, explicita a percepção de que “as classes mais baixas de uma população são mais sensíveis a grandes mudanças sociais do que o resto do grupo” (Du Bois, 2023, p. 74). A partir dos dados censitários, ele identifica que havia um excesso de mulheres, em comparação com o número de homens da população negra. Essa constatação possui uma chave interpretativa ao evidenciar a forma como o mercado de trabalho racializado excluía homens de ocupações estáveis e empurrava mulheres para o serviço doméstico. Essa leitura já aponta para uma intersecção entre gênero, raça e classe, ainda que não desenvolvida nos termos analíticos posteriores. Ao mesmo tempo, sua descrição da Sétima Região não deve ser lida como um inventário etnográfico neutro, mas como um gesto de deslocamento epistemológico, pois estar em campo significava confrontar diretamente a materialidade das desigualdades raciais. Nesse sentido, a obra antecipa debates da sociologia urbana e inaugura uma vertente de antropologia social crítica, ao articular vivência empírica, análise relacional e denúncia do racismo estrutural (Moura, 2025).

A partir de suas pesquisas, Du Bois (2023) explicitou as condições de trabalho dos negros na Sétima Região, identificando que a ocupação mais comum entre homens negros era trabalhos manuais e serviços. Já as mulheres negras, em sua maioria, ocupavam trabalhos voltados ao serviço doméstico. Para o sociólogo, há dois motivos centrais que restringem a população negra a ocupações precarizadas e desvalorizadas. O primeiro seria a falta de treinamento e experiência; o segundo, o racismo, que se manifesta de várias maneiras, afetando sobretudo a classe trabalhadora negra; contudo, é possível perceber nos



dados que a classe trabalhadora branca também é prejudicada (Du Bois, 2023). Nesse estudo, o autor já se refere ao conceito de “linha de cor”, sobretudo para pensar essa conjuntura de ocupação profissional da população negra da época.

Du Bois (2023) se propõe a fazer uma análise sobre a saúde da população negra, reúne uma ampla base de dados que revela uma elevada taxa de mortalidade. Esse índice é explicado, principalmente, pela alta mortalidade infantil e, de modo mais geral, pelas condições de vida precarizadas a que essa população estava submetida. O autor constrói sua investigação a partir de uma série histórica, comparações territoriais, raciais e das condições habitacionais e sanitárias, evidenciando como o racismo constitui um fator estruturante de desigualdades em saúde. Ao demonstrar que os problemas enfrentados pela população negra derivam diretamente da negligência institucional e do racismo estrutural (tal como definimos o fenômeno contemporaneamente), o sociólogo desvela a dimensão política e social da questão. Contudo, percebe-se em suas conclusões uma tendência a atribuir parte da responsabilidade a certos hábitos cotidianos³, o que implica certa culpabilização da população negra. Essa perspectiva é problemática por não reconhecer plenamente que tais condições não resultavam de escolhas individuais, mas sim da ausência sistemática de garantias mínimas de sobrevivência e da negação de direitos básicos. Essa contradição revela alguns limites de um intelectual que, embora visionário, ainda era marcado por parâmetros normativos do seu tempo.

Além das condições de saúde, há um esforço em examinar a estrutura familiar da população negra, destacando suas fragilidades diante das adversidades sociais, econômicas e políticas enfrentadas. Ele observa maior incidência de lares chefiados por mulheres, fragilidades dos vínculos conjugais e familiares, interpretando parte desses fenômenos a partir de uma perspectiva normativa, que toma a família nuclear como referência. Essa abordagem abre um espaço de crítica importante. Embora o autor esteja preocupado em demonstrar a forma como o racismo impacta diretamente a organização social da comunidade negra, sua análise também carrega elementos moralizantes que, de certa maneira, reproduzem parâmetros conservadores de conduta social e familiar normativa.

³ “Novamente, em hábitos de limpeza e alimentação adequada e exercício, as pessoas de cor são lamentavelmente deficientes. O camponês sulista dificilmente se lavava regularmente, e os criados da casa não eram muito limpos. Os hábitos assim aprendidos permaneceram, e um evangelho de água e sabão precisa ser pregado agora” (Du Bois, 2023, p. 190).



Nessa obra, Du Bois (2023) observou o crescimento acelerado das “igrejas Negras”. Em sua análise, a igreja possui a complexidade de funcionar como um órgão de organização coletiva da população negra. “Sua igreja é, com certeza, primeiro uma instituição social, e depois religiosa, mas, no entanto, sua atividade religiosa é ampla e sincera” (Du Bois, 2023, p. 228). Revela-se uma dupla face: por um lado, a força aglutinadora e de resistência cultural da religião; por outro, o risco de que ela se torne um espaço de reprodução de hierarquias internas e de isolamento em relação às lutas estruturais⁴.

Du Bois enfrenta de modo direto um dos estigmas mais persistentes associados à população negra nos Estados Unidos: a criminalidade. A partir de estatísticas, estudos de caso e análise histórica, o autor demonstra que altas taxas de encarceramento de pessoas negras não podem ser entendidas como uma questão de predisposição racial, mas como consequência das condições sociais, econômicas e políticas às quais essa comunidade foi submetida após a escravidão. A análise traz diversos fatos históricos que evidenciam um esforço de criminalização da população negra, demonstrando uma intensificação da criminalização inversamente proporcional ao aumento dos índices de criminalidade, sobretudo graves.

Ao mesmo tempo, a criminalidade é um assunto difícil de estudar, mais difícil de analisar em seus elementos sociológicos e ainda mais difícil de curar ou suprimir. É um fenômeno que não existe sozinho, mas como sintoma de inúmeras condições sociais incorretas (Du Bois, 2023, p. 256).

A relevância do estudo está justamente em inaugurar um debate sociológico pioneiro sobre raça e criminalidade, antecipando reflexões que hoje dialogam diretamente com temas como racismo estrutural, encarceramento em massa e abolicionismo penal. No entanto, cabe observar que, ao classificar e tipificar grupos mais propensos ao crime, Du Bois também se arrisca a reforçar certas categorias estigmatizantes, ainda que sua intenção fosse justamente desconstruí-las⁵. Esse movimento ambivalente, simultaneamente descritivo e crítico, é revelador da tensão entre ciência e política em sua obra e torna necessário

⁴ A temática é aprofundada pelo sociólogo em sua obra “A Igreja Negra”, publicada originalmente em 1903 e lançada recentemente no Brasil pela Editora Recriar (2024). O trabalho é considerado pioneiro como um dos primeiros estudos empíricos em sociologia da religião.

⁵ “A partir deste estudo, podemos concluir que os jovens são os autores dos crimes graves entre os Negros; que esses crimes consistem principalmente em roubos e agressões; que a ignorância e a imigração para as tentações da vida cidadina são responsáveis por grande parte desses crimes, mas não por todos; que profundas causas sociais estão subjacentes a esta prevalência do crime, e que estas têm trabalhado de modo a formar entre os Negros, desde 1864, uma classe delimitada de criminosos habituais; e que o grosso dos crimes graves perpetrados por esta raça deve ser imputado a essa classe criminosa, e não à grande massa de Negros” (Du Bois, 2023, p. 274).



perguntar: até que ponto a classificação científica, mesmo quando crítica, não reproduz parte da lógica racista que pretende desmontar?

A precariedade das condições de vida da população negra na Filadélfia também é objeto de análise dessa obra. Du Bois (2023) ressalta a dificuldade de mensurar a pobreza com precisão, dado o caráter limitado e enviesado das estatísticas da época; mesmo assim, consegue identificar alguns padrões estruturais. Ainda que o autor não desenvolva um olhar de gênero nesse capítulo, os dados revelam a forte presença de mulheres abandonadas e assumindo o papel de responsáveis principais pelas famílias, o que já indicava a intersecção entre pobreza, racismo e vulnerabilidade feminina. Um dado que merece especial atenção é o número relativamente alto de mulheres negras classificadas como “lunáticas e defeituosas” (Du Bois, 2023, p. 286), categoria que revela menos sobre diagnósticos médicos consistentes e mais sobre o modo como a sociedade produzia a figura da mulher como sujeito de desvio e insanidade. Historicamente, a psiquiatria e as instituições de controle social reservaram às mulheres, sobretudo às negras e pobres, o lugar da irracionalidade e da instabilidade emocional, legitimando práticas de medicalização e confinamento. Esse processo de patologização não se restringe ao século XIX. Como lembra Davis (2019), ele se reproduz nas prisões femininas contemporâneas, nas quais o uso abusivo de psicotrópicos opera como tecnologia de controle, silenciamento e disciplina sobre corpos considerados indisciplinados e perigosos.

Sua análise, entretanto, se concentra sobretudo em desvelar o caráter estrutural e histórico da pobreza negra, fruto do legado da escravidão, das condições racistas de inserção no mercado de trabalho e da ideologia disseminada de que os negros seriam “menos do que americanos” (Du Bois, 2023, p. 300). O próprio sociólogo explicita essa percepção ao afirmar que “o verdadeiro fundamento da diferença é o sentimento disseminado por todo o país [...] de que o Negro é algo menos do que um americano e não deveria ser muito mais do que isso” (Du Bois, 2023, p. 300).

É possível observar uma ampliação da análise estrutural da vida da população negra na Filadélfia ao examinar diretamente suas condições de moradia. Ele demonstra que a maioria das famílias negras vivia em casas alugadas, muitas vezes em regime de sublocação, o que as obrigava a alugar partes do imóvel para conseguir pagar o próprio aluguel. Essa prática gerava não apenas superlotação, mas também condições habitacionais insalubres, diretamente relacionadas à alta mortalidade da comunidade. A vulnerabilidade habitacional



se manifestava também na frequência das mudanças de endereço e no sacrifício de outras necessidades básicas para manter o aluguel em dia, ainda mais agravado pelo fato de que, muitas vezes, os aluguéis cobrados ultrapassavam as reais posses dessas famílias.

Du Bois (2023) observa que essa situação estava associada à própria inserção ocupacional da população negra, que, concentrada em atividades de baixa remuneração e forte exploração, precisava residir nas proximidades dos grandes centros urbanos. A leitura crítica do autor é reveladora porque, ao mesmo tempo em que reconhece divisões de classe no interior da população negra, demonstra como o racismo opera na homogeneização dessa comunidade, reduzindo-a a estereótipos negativos e apagando a pluralidade de suas experiências sociais. “As pessoas de cor raramente são julgadas por suas melhores classes, e muitas vezes a própria existência de classes entre elas é ignorada” (Du Bois, 2023, p. 330). A análise sobre moradia e classe, portanto, expõe a precariedade material e sanitária a que estavam submetidos os negros da Filadélfia e evidencia um processo de marginalização simbólica, no qual até mesmo os setores mais abastados dessa população buscavam se distanciar das camadas mais pobres.

Direcionando sua análise para as relações raciais na Filadélfia, essa obra expõe como a segregação e a discriminação estruturam a experiência da população negra na cidade. Du Bois (2023) evidencia que, mesmo quando os negros conquistavam posições de relativo prestígio social ou econômico, eram constantemente barrados por obstáculos raciais que os impediam de acessar plenamente os espaços de cidadania. O estudo revela que os espaços de contato entre as duas raças eram atravessados por tensões permanentes. No trabalho, os negros eram relegados às ocupações mais precárias; na vizinhança, sofriam resistência e hostilidade ao tentar se estabelecer em áreas habitadas por brancos; nas escolas, o preconceito dificultava a ascensão educacional. Em todos esses âmbitos, o autor identifica um padrão de exclusão que consolidava o negro como “problema social”, ao invés de reconhecer que o verdadeiro problema residia nas barreiras raciais impostas.

Destaca-se também a contradição de uma cidade que, ao mesmo tempo em que se apresentava como moderna e progressista, mantinha práticas de segregação que negavam à população negra a possibilidade de integração. Essa tensão, registrada em múltiplas esferas da vida cotidiana, reforçava um processo de marginalização que não poderia ser explicado apenas pela condição socioeconômica, mas que dependia fundamentalmente de uma ideologia racial que inferiorizava sistematicamente o negro. Du Bois antecipa debates que



ainda são centrais nas ciências sociais contemporâneas, como a análise da segregação urbana, da discriminação estrutural e da racialização das hierarquias sociais. Ao abordar o contato entre raças não como um encontro neutro, mas como um campo de conflito marcado por desigualdade e exclusão, ele desvela as engrenagens sociais que perpetuam a subordinação racial.

Ao examinar a inserção da população negra no cenário político estadunidense após a conquista do direito ao voto, assegurado pela Constituição de 1874, observa-se que, devido à pobreza persistente, às restrições no mercado de trabalho e às baixas remunerações, a participação política da população negra frequentemente era marcada por relações de clientelismo, corrupção e suborno. Essa constatação, longe de ser uma acusação moralizante contra os negros, deve ser entendida como uma crítica à estrutura social e racial que os empurrava a condições precárias de cidadania. Du Bois (2023) sugere que o sufrágio negro, em vez de significar uma verdadeira emancipação política, acabou se tornando mais um espaço de vulnerabilidade, em que o racismo estrutural encontrava meios de esvaziar o potencial transformador da participação política negra. Portanto, é possível evidenciar a fragilidade das instituições democráticas diante das desigualdades raciais e econômicas, demonstrando que a simples concessão de direitos formais não é suficiente para garantir cidadania plena quando a estrutura social permanece organizada pela exclusão e pela marginalização.

Essa reflexão antecipa um debate fundamental: a cidadania formal não garante cidadania substantiva quando as estruturas sociais permanecem atravessadas pela exclusão racial. Du Bois, ao identificar a manipulação do voto negro e a fragilidade das instituições democráticas, se aproxima de diagnósticos que ainda hoje ecoam em sociedades racialmente desiguais. No caso brasileiro, a comparação é inevitável, na medida em que a incorporação tardia e limitada da população negra à esfera política também se deu sob o peso do racismo estrutural, levantando questões sobre a própria qualidade da democracia em contextos de exclusão histórica.

Essa obra evidencia que, para o autor, as dificuldades enfrentadas pela população negra não são fruto de uma essência racial, mas sim de uma combinação complexa de problemas sociais, econômicos, políticos e culturais. Nesse sentido, o “problema do negro” deve ser entendido como parte de um padrão histórico mais amplo de opressão e desigualdade.



O sociólogo propõe, portanto, uma interpretação estrutural, na qual a pobreza, o racismo, a precariedade habitacional, as barreiras educacionais e a exclusão política se interconectam, criando um ciclo de marginalização que atravessa gerações. Ao enfatizar que essas condições derivam de estruturas sociais historicamente organizadas, ele desmonta leituras moralizantes e biologizantes que buscavam justificar a desigualdade racial como consequência de falhas individuais. Essa obra reforça a força inovadora do projeto intelectual de Du Bois. Ele antecipa debates centrais da sociologia contemporânea ao insistir que a raça deve ser analisada como uma construção histórica e social que estrutura as condições de vida. Pensemos nessa obra como um convite a olhar para a “questão racial” não como um problema dos negros, mas como um problema da sociedade como um todo.

Conclui-se, portanto, que “O Negro da Filadélfia” não deve ser lido apenas como um clássico do passado, mas como um texto capaz de dialogar com as urgências do presente. Sua tradução recente convida a sociologia brasileira a revisitar seus próprios cânones, confrontar o mito da democracia racial e ampliar a centralidade das epistemologias negras no debate acadêmico. Se há limites e contradições no olhar de Du Bois, e há, eles não diminuem, mas antes reforçam a atualidade da obra como ferramenta crítica.

Referências bibliográficas

DAVIS, Angela Yvonne. Uma autobiografia. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 418 p.

DU BOIS, William Edward Burghardt. O Negro da Filadélfia: um estudo social. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 488 p.

MOURA, Cristina Patriota de. Os estudos urbanos e a Escola de Atlanta. Cult, São Paulo, v. 314, p. 28-30, fev. 2025.

MOURA, Cristina Patriota de; COSTA, Joaze Bernardino. W.E.B. Du Bois e o Negro da Filadélfia. In: DU BOIS, William Edward Burghardt. O Negro da Filadélfia: um estudo social. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 15-31.

PASCHEL, Tianna S. Prefácio. In: DU BOIS, William Edward Burghardt. O Negro da Filadélfia: um estudo social. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 7-13.



Sobre a autora

Mariane Joyce Ferreira Saraiva é Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Ciências Sociais (2025) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharel em Serviço Social (2022) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Seus interesses de pesquisa concentram-se em teoria social, pensamento social negro, crítica do sistema penal, abolicionismo penal, racismo estrutural e democracia.

Créditos de autoria

A autora é a única responsável pela resenha.

Declaração sobre conflito de interesses

Não há possíveis conflitos de interesse na realização e comunicação das pesquisas.

Informações sobre financiamento

Esta pesquisa não foi realizada com financiamento.

Declaração de Disponibilidade de Dados

A disponibilidade de dados não se aplica a este artigo, pois nenhum dado/novo dado foi criado ou analisado neste estudo.

Declaração sobre o Uso de Inteligência Artificial

Não foi utilizada ferramenta de IA no desenvolvimento deste trabalho.

Editoras Responsáveis pela Avaliação e Editoração

Carolina Alves Vestena e Bruna Bataglia.

